

**Escrita Narrativa, contação de histórias e Educação Científica:  
no conversatório com Professor Ângelo Machado**

*Narrative Writing, Storytelling and Scientific Education:  
in the conversation with Professor Ângelo Machado*

*Escritura narrativa, narración de historias y educación científica:  
en la conversación con el profesor Ângelo Machado*

**Silvania Nascimento**

Universidade Federal de Minas Gerais [UFMG], Belo Horizonte, Minas Gerais, Brasil

 <http://orcid.org/0000-0002-5189-1961>

E-mail de correspondência: [silnascimento@ufmg.br](mailto:silnascimento@ufmg.br)

Recebido em: 19/11/2023 • Aceito em: 06/02/2024 • Publicado em: 05/03/2024

DOI: 10.12957/impacto.2024.81232

**Resumo**

O texto apresenta, de forma narrativa, um nível de transcrição da entrevista realizada em 2007 com o cientista, ambientalista e escritor mineiro Ângelo Machado. O contexto da construção da narrativa foi a pesquisa sobre as práticas discursivas de integrantes do “Grupo Contadores de Estórias Miguilim”. Esse grupo é composto de jovens adolescentes entre as idades de 13 a 18 anos, formados pela Associação de Amigos do Museu Casa Guimarães Rosa. A pesquisa envolveu relacionar os temas de natureza e transformação tanto no contexto da obra rosiana, quanto no livro O tesouro do quilombo. O texto narrativo parte da escuta da gravação e apresenta excertos de fala dos interlocutores. O escritor relata o contexto de produção de algumas de suas obras, o prazer pela escrita e pela leitura, e dialoga com a pesquisadora sobre sua prática de escrita que entrelaça o conhecimento científico e a construção dos enredos de seus livros infantis. .

**Palavras-chave:** Ângelo Machado; Guimarães Rosa; narrativa; entrevista.



### Abstract

The text presents, in a narrative way, a level of transcription of the interview held in 2007 with the scientist, environmentalist and writer Ângelo Machado. The narrative construction's context was the research about the "The Miguilim's Storytellers Group" members' discursive practices. This group is composed of young teenagers between 13 to 18 years old, formed by Casa Guimarães Rosa Museum Association Friends. The research involved linking the themes of nature and transformation both in the Guimarães Rosa work context and in the book *O tesouro do quilombo*. The narrative starts from listening to the recording and presents speech excerpts from the interlocutors. The writer reports the production context of some of his books, the pleasure of writing and reading, and dialogue with the researcher about her writing practice that intertwined scientific knowledge and the construction of her kids books.

**Keywords:** Angelo Machado; Guimarães Rosa; narrative; interview.

### Resumem

El texto presenta, de forma narrativa, un nivel de transcripción de la entrevista realizada en 2007 con el científico, ambientalista y escritor minero Ângelo Machado. El contexto de la construcción de la narrativa fue la investigación sobre las prácticas discursivas de los integrantes del "Grupo Contadores de Historias Miguilim". Este grupo está compuesto por jóvenes de entre 13 y 18 años, formados por la Asociación de Amigos del Museo Casa Guimarães Rosa. La investigación involucró relacionar los temas de naturaleza y transformación tanto en el contexto de la obra rosiana, como en el libro *El tesoro del quilombo*. El texto narrativo parte de la escucha de la grabación y presenta extractos de habla de los interlocutores. El escritor relata el contexto de producción de algunas de sus obras, el placer por la escritura y la lectura, y dialoga con la investigadora sobre su práctica de escritura que entrelaza el conocimiento científico y la construcción de las tramas de sus libros infantiles.

**Palabras-clave:** Ângel Machado; Guimarães Rosa; narrativa; entrevista.

### Figura 1

*Foto do Professor Ângelo Machado*



Fonte: Assessoria de Comunicação ICB- UFMG



## A pesquisa em Educação em Ciências para além da sala de aula

A escolha de uma metodologia de pesquisa, com vistas a atingir os objetivos traçados no campo da educação, não é simples. Os muitos instrumentos de coleta de informação e de análise de dados, definidos a priori, nem sempre constituem a melhor opção para se responder às questões propostas. Nesse sentido muitas são as pesquisas que optam por construir uma metodologia própria, com traços de alguns métodos já existentes. Organizam colagens de várias metodologias e buscam, em um formato de *bricolage*, diferentes instrumentos, sempre mantendo uma coerência teórica aos pressupostos que orientam a problematização da investigação. Nossas pesquisas, no campo da educação em ciências em espaços escolares e não escolares, mantiveram um caráter etnográfico com um perfil naturalístico (Vieira, 2007). Dessa forma enfrentamos a cada passo do desenrolar do campo investigativo, novos desafios para definir, não somente nas escolhas como também na construção de testes e de análises, o refinamento de um olhar peculiar, particular dentro de cada contexto de estudo.

Coadunamos a posição de Gatti (2012) que, ao analisar os desafios para a pesquisa em educação no Brasil, destaca ser importante primar pela clareza e explicitação dos procedimentos aplicados como chaves interpretativas da realidade socioeducativa em jogo na investigação. A autora destaca o cuidado que devemos ter nas investigações

A questão central na busca de informações, dados, indícios, para determinada pesquisa, não está totalmente e rigidamente vinculada somente à técnica utilizada, mas ao processo de abordagem e compreensão da realidade, ao contexto teórico-interpretativo, portanto, às formas de pensar, de refletir sobre os elementos a reunir ou já reunidos para responder ao problema da pesquisa. Uma questão de perspectiva, de concepção, de postura diante da realidade e do conhecer. (Gatti, 2012, p.30).

Compartilhamos neste texto, uma faceta de uma investigação que dificilmente se encaixaria em uma abordagem metodológica padrão da área educacional. Os instrumentos desenvolvidos se constituíram a partir de níveis de transcrição de entrevistas semiestruturadas e observações de campo representadas em mapas, quadros e textos narrativos. O contexto do caso aqui descrito, visava compreender a prática discursiva de participantes do “Grupo Contadores de Estórias Miguilim” e analisar a possibilidade de transferência de competências da leitura de textos rosianos para a formação científica de seus integrantes (Lopes, 2008).

Esse grupo é composto de jovens adolescentes na faixa etária de 13 a 18 anos, que passam por um processo de formação realizado pela Associação de Amigos do Museu Casa Guimarães Rosa<sup>1</sup>

---

<sup>1</sup> <https://aamegr.cordisnoticias.com.br/>



em Cordisburgo, Minas Gerais. Esse museu é um espaço cultural público com fortes ligações com o município de menos de 10 mil habitantes, distante cerca de 100 Km da capital de Minas Gerais. O museu funciona na casa onde o autor viveu parte de sua infância. O município abriga igualmente um grande acervo paleontológico, sendo um dos locais de pesquisas do naturalista dinamarquês Peter Lund entre os anos 1835 e 1845.

Os Miguilins, como são conhecidos, são adolescentes que necessariamente leem e narram trechos da obra de Guimarães Rosa, considerado por muitos um dos mais complexos e fantásticos escritores de nossa língua. É emocionante participar de uma sessão de contação de histórias promovida pelos Miguilins, em apresentações teatrais ou ao final de uma visita no Museu Casa Guimarães Rosa, onde eles são os responsáveis pela mediação da exposição.

Para atingir nossos objetivos de trabalhar com aspectos identificados na obra de Guimarães Rosa, buscamos selecionar um texto que perpassasse os temas: natureza e transformação, sendo indiscutível a importância desses conceitos tanto no contexto da obra rosiana, quanto na educação científica. Contudo precisávamos encontrar um autor, um livro, uma narrativa que envolvesse também esses aspectos. Foram essas questões metodológicas que nos remeteu ao cientista e escritor de livros de literatura infanto-juvenil: o professor Ângelo Machado (nascido em Belo Horizonte em 22/05/1934 e falecido na mesma cidade em 06/04/2020).

Da vasta obra do escritor selecionamos o texto “O tesouro do quilombo” pois sua orelha é declarado:

Neste livro, Ângelo Machado dá continuidade a uma linha temática de histórias para adolescentes iniciada com grande sucesso em *Os fugitivos da esquadra de Cabral (...)*. A elaboração de *O tesouro do quilombo* exigiu minuciosa pesquisa bibliográfica sobre as tribos indígenas de Minas Gerais (...). Ângelo Machado descreve também o cerrado e sua enorme biodiversidade, além de aspectos do folclore e da vida cotidiana das comunidades rurais que lá vivem. (...)” (Editor da 2ª edição, Editora Nova Fronteira. Grifos do autor.).

Após a leitura completa da obra, acreditamos ter encontrado o livro ideal, aquele que atenderia a todas às necessidades da pesquisa já mencionadas.

Faltava somente a aprovação do escritor, que gentilmente nos concedeu uma entrevista no dia 05 de junho de 2007, na salinha do café do departamento de Zoologia do ICB-UFMG. Compartilhamos aqui o texto narrativo produzido a partir de um conversatório entre o Prof. Ângelo Barbosa Monteiro Machado e a Gilmara López, a investigadora de campo. Quem teve o prazer de escutá-lo, compreende que seria impossível realizar uma entrevista sem cair em uma das muitas



armadilhas retóricas e dramáticas desse incomparável cientista mineiro! Obtendo todas as autorizações<sup>2</sup>, acordamos ainda um encontro do cientista, ambientalista (Pereira, 2018) e escritor com os mediadores do museu. Uma tarde de sonhos para aqueles adolescentes que nunca imaginaram ter uma visitante assim para compartilhar muitas xícaras de chá de capim-cidreira em uma tarde quente de Cordisburgo.

Vimo-nos então, na mesma situação de uma professora da rede pública que pretende trabalhar um texto literário em suas aulas de Ciências, sem verba para adquirir os livros para presentear-los aos seus estudantes, mas com o forte desejo fazer algo diferente em sala de aula. No primeiro momento sentimos a necessidade de didatizar, adaptar, reescrever, reformular o texto, tornando-o compreensível! O que foi feito para trabalhar o texto em sala de aula e pode ser consultado na dissertação (Lopes, 2008). Mas resistimos e produzimos outras formas de interação para a investigação na realidade educativa dos Miguelins ! Enfim aqui compartilhamos um nível de escrita narrativa que registra a entrevista realizada com o Professor Ângelo Machado, aqui somente Prof. Ângelo. Trata-se de uma apropriação livre da longa conversa, ordenando as questões e respostas de forma narrativa. É uma estratégia discursiva amplamente utilizada para a elaboração de matérias jornalísticas, nas quais algumas vezes, os interlocutores produtores de fontes orais são ocultadas.

## CONSTRUINDO AS FALAS... A ENTREVISTA EM FORMA DE NARRATIVA

A pesquisadora, que aqui será chamada de Gil, inicia a entrevista com a exposição de sua trajetória profissional de educadora do ensino fundamental nas séries finais e seu percurso acadêmico. A licenciatura em biologia com ênfase em ecologia, a entrada em sala de aula ainda durante a graduação até a definição da pesquisa de mestrado: práticas de leitura e educação científica. O entrevistado gosta da ideia do projeto, diz que a pesquisadora está no caminho certo.

*Prof. Ângelo: é muito melhor um biólogo fazer educação ambiental do que um não biólogo, isto porque é necessário o conteúdo... porque tem que conhecer do que se fala!*

Prof. Ângelo conhece o trabalho do Guimarães Rosa e visualiza a ciência na obra Roseana. Relata que inclusive cogitou um projeto, que não se concretizou, de estudar a zoologia e a botânica do Grande Sertão: Veredas.

---

<sup>2</sup> Parecer CEP ETIC 137/07 de 15/05/2007



Prof. Ângelo: *Anotei todos os nomes de bichos! Hoje tenho o Grande Sertão: Veredas como uma bíblia, porque é um livro que permite abrir e ler em qualquer ponto. É uma leitura gratificante com uma linguagem sofisticada!*

Gil fala de seu trabalho de análise da novela Buriti (Lopes e Nascimento, 2007). O Prof. Ângelo destaca *Guimarães Rosa esnobou ao colocar nesse conto os mais diferentes nomes de capins*. Gil lembra o trabalho da Profa Mônica Meyer (1998) sobre as cadernetas de notas de Guimarães Rosa. Prof. Ângelo conhece o hábito de Guimarães de anotar tudo *que os capiais falavam...Mônica explorou muito bem os registros nas cadernetas*.

Gil explica com maiores detalhes a pergunta de pesquisa: *existe influência da leitura da obra Roseana no processo de educação científica desses Miguilins?* Explica também a metodologia e a razão de trabalhar com um livro de autor diferente. *Você é um escritor de gênero literário que incorpora ciência à obra*.

O Prof. Ângelo comenta que a metodologia proposta foi bem bolada, mas indaga o motivo de não usar o texto do próprio autor.

Gil explica que não vai trabalhar com obra do próprio Guimarães Rosa, porque o processo de formação dos Miguilins acontece a partir da leitura de trechos e não da obra completa. Prof. Ângelo pergunta se não haverá a elaboração de um questionário e, a pesquisadora explica a pretensão de se trabalhar com uma entrevista semiestruturada com um processo de performance, após a leitura de um texto produzido por ela a partir do livro. O Prof. Ângelo questiona: *sem um questionário poderia então usar um texto do Grande Sertão e o outro de O tesouro do quilombo*. Prof. Ângelo ressalta que *é necessário que se conheça mais sobre o autor e a obra para se conseguir contar*.

Gil explica que as responsáveis pela formação exercem o papel de explicar o conteúdo dos textos e contextualizá-los. Fala que os Miguilins são incentivados a buscar a obra completa, mas foi observado que poucos recorrem aos textos completos. Gil explica que a metodologia da pesquisa aproxima-se do esquema de formação ao qual os Miguilins estão acostumados.

Prof. Ângelo ressalta: *Os meninos conseguem ler O tesouro do quilombo! Ele está num tamanho adequado e possui elementos diferentes do texto do Guimarães Rosa, pois meu objetivo ao escrever não é ensinar, mas sim incentivar o gosto pela leitura. Acredito que a meta principal de todo escritor infantil deve ser essa, despertar o gosto pela leitura. Ensinar coisas científicas vem em segundo lugar ...o leitor pode aprender sem saber que está aprendendo, porque se for muito didático,*





*a criança vai repelir pois será igual ao livro chato que ele aprende na escola. Essa preocupação acontece em toda sua obra. Dá exemplos: O casamento da ararinha azul ao final do livro tem uma imagem da ararinha azul na vida real! A viagem de Tamar, ao final do livro, tem igualmente uma tartaruga marinha na vida real! O anexo ao livro tem caráter de divulgação científica! Faço questão de colocar como anexo ... e estimular as pessoas a não ler esse anexo antes de ler o livro. Anexo fica no final e aí quando a pessoa termina de ler pode falar “Uai! Era verdade isso”. Elaboro este anexo em todos os meus livros.*

O Prof. Ângelo fala um pouco sobre seu livro de maior sucesso: O menino e o rio (20 edições em 18 anos). Reforça contando uma conversa com crianças sobre esse livro, na qual as crianças se espantam com sua declaração de ter escrito o livro para que elas gostassem. Fala que as crianças costumam achar que ensinar é mais importante do que gostar. Argumenta que as crianças continuam a achar que o livro não foi feito para gostar, ideia muito arraigada na escola.

Comenta sobre a polêmica que existe entre os escritores, pois alguns falam que *se há ensino deixa de ser literatura*. Fala que já chegou a discutir com uma escritora que defendia o aspecto ficcional da literatura. *Se tiver verdade não pode ser literatura, pois literatura tem que ser pura ficção*. O Prof. Ângelo argumenta sobre a verdadeira história da abelha que tenta copular com uma flor. Parece ficção, mas é verdade, pois a flor libera feromônio que atrai a abelha e, se escrever um texto sobre isso, esse vai se tornar literatura. Fala *que a realidade às vezes é mais fantástica do que a gente pode imaginar*. Então, *considera absurda a linha literária que desconsidera que literatura não pode ter realidade*.

Comenta que sobre seu livro O ovo azul. *A macuca quem botou um ovo azul e você sabe, os bichos botam ovos de várias cores*. Conta que o texto surgiu quando trabalhava na Reserva de Peti (MG), e viu o ovo azul da macuca, comentou: *se fosse a macuca não ia chocar o ovo não, porque assim o ovo irá quebrar*. Conta como é a narrativa do livro. *Ao final, quem choca os ovos são os machos, o que é a realidade. As pessoas não especialistas não sabem que existem ovos de tantas cores!*

Conta que no início do livro O menino e o rio foi recusado por uma editora, porque ensinava sobre coisas e os animais falavam. E hoje é um livro de grande sucesso. Comenta que é sempre questionado porque nunca fez um livro sobre as libélulas, sua especialidade, e ele diz *nunca tive uma ideia com libélula! Mas a libélula sempre aparece em meus livros pelas beiradas*.



Volta ao seu objetivo principal de fazer a criança gostar de ler. Argumenta sobre a importância e a responsabilidade do escritor infantil em fazer a criança gostar do livro e querer ler outro livro.

Conta que fazem muitas vezes uma pergunta: o fato de ser cientista ajudou ou atrapalhou a escrita literária? Prof. Ângelo fala: *no começo atrapalhou porque há preconceito contra o cientista. Houve críticas negativas ao livro O menino e o rio pelo fato de ensinar conteúdos ao mesmo tempo que avançava a narrativa.* Ao contar como é o livro A barba do homem da barba (livro surrealista) usa entonações de vozes diferentes para representar personagens diferentes. Fala que o livro foi escrito após a crítica ao O menino e o rio. Fala que cientista é acostumado à controvérsia e isso não o abala... *Não me importo com críticas ruins aos meus livros!* Algumas ele acha interessante e melhora na escrita, outras ele desconsidera por não concordar.

*Hoje o fato de ser cientista ajuda! A escritora Ruth Rocha fala que gosta de meus livros...daquele do professor de ecologia. Virei já objeto de pesquisa ironiza (Higashi, 2010) ...Saiu há pouco tempo um artigo sobre literatura ecológica do Ângelo Machado.* Comenta que já reconheceram que pode haver uma literatura ecológica. *Podemos falar de ecologia de forma bonita, prazerosa para as crianças. A vantagem está no fato de que como zoólogo sei de situações que o escritor normalmente não sabe, por exemplo o lobo. Sente-se medo de lobo, mas esse lobo é europeu. Aqui existe o lobo-guará que come mais frutas do que carne. Assim surgiu a história Chapeuzinho vermelho e o lobo-guará que come a melancia toda da Chapeuzinho. Mas essa informação só foi possível por causa da pesquisa que comprovou que 60% da alimentação do lobo-guará é vegetal. Ao final desse texto também existe o anexo: o lobo-guará na vida real. Muitas risadas...*

*Mas nem todos os meus livros são ecológicos como O rei careca que é um conto de fadas. É um livro que não tem ecologia nenhuma, mas ficou muito bom porque é muito bem ilustrado. Mas como a maioria de seus livros têm ecologia, o pesquisador aproveita de seus conhecimentos de zoologia e estuda para enriquecer seus livros! Amo a trama do livro sobre o projeto Tamar é um de meus livros mais bonitos.*

Conta sobre o espanto de alguns em relação às suas narrativas que na verdade tem sempre um conteúdo biológico. Fala sobre o pedido de se escrever um livro sobre tartaruga marinha e ele respondeu que se tivesse uma boa ideia escreveria o livro. *Foi quando tive a ideia de relacionar o projeto Tamar a tartaruga marinha e o livro tudo ficou lindo!*





Conta que pediram a ele um livro de boto e que encontrou uma pesquisadora fazendo um estudo sobre esse tema. Ele conversou com pessoas da região amazônica que lhe contaram coisas sobre o boto e com uma dessas histórias ele conseguiu uma ideia para escrever uma narrativa.

Prof. Ângelo aponta para o livro *O tesouro do quilombo* na mesa e começa a contar que esse livro tem uma história. *Esse livro foi escrito após uma parceria da Fundação Biodiversitas com a CEMIG<sup>3</sup> para um projeto de educação ambiental no Triângulo Mineiro, chamado Terra da Gente. O projeto deveria produzir um kit com um livro para o professor, um livro para o aluno (livros informativos muito bem bolados), vídeo e um livro de literatura escrito pelo Ângelo Machado. O livro foi encomendado, o que eu não gostava muito de fazer...mas aceitei. Aí fui estudar muito o Triângulo, o cerrado, as frutas de cerrado, as cantigas de cerrado. Você escolheu bem porque o livro *Fugitivos da esquadra de Cabral*, apesar de ser maior e considerado pelos professores melhor, é sobre a mata atlântica e *O tesouro do quilombo* é mais rico e remete ao cerrado.*

Comenta que a CEMIG passou a fazer o mesmo projeto para o Sul de Minas e que lá o bioma é de mata atlântica. Então conta que elaborou um novo livro com os mesmos personagens só que num cenário de mata atlântica. Com isso mudou muito a narrativa. *O tesouro do rei, onde a fazenda fica no Sul de Minas com o cenário de mata atlântica, tem muitas outras características da paisagem para mostrar a diversidade! Acredito que o diferente por ser amigo!* Destaca a linguagem dos diferentes personagens de *O tesouro do quilombo*, pois cada um é de um lugar diferente ou tem modos de vida diferentes.

Volta a comentar sobre os elementos de curiosidade: o indígena, o Ambrósio, o tesouro do Ambrósio. Retoma os elementos de presente, passado e futuro, porque no final do livro conta quais as profissões dos personagens. Comenta que os indígenas e negros trabalhavam juntos ajudando uns aos outros. Conta o final do livro *O tesouro do rei* e a influência das músicas de congado. *Acho que poderia trabalhar com os dois livros (*O tesouro do quilombo* e *O tesouro do rei*) por serem narrativas semelhantes com cenários diferentes (cerrado e mata atlântica).*

Em seguida, comenta que a pesquisadora escolheu o mais importante porque *O tesouro do quilombo* trás o mesmo cenário das obras de Guimarães Rosa e, tem mais elementos de ciência para analisar. Informa que *O tesouro do rei* ainda não foi publicado e que está estudando um texto sobre

---

<sup>3</sup> CEMIG: Companhia Enegetica de Minas Gerais S.A



o rio São Francisco, mas que ainda não sabe se vai ter ideia para escrever o livro, porque há vários projetos na região do São Francisco.

Comenta que deve usar a edição da Nova Fronteira, porque o editado pela Biodiversitas já está esgotado.

Para o escritor, *O tesouro do quilombo* emociona muito as crianças e que a morte do indígena Meri-Buttu provoca choro. *Tive muito cuidado em não usar a palavra morte e sim viagem. Acredito que o livro tem que causar emoção, de riso e/ou de choro. Acredito que o livro tem que causar emoção, de riso e/ou de choro.* Fala que o tema indígena é abordado em quatro livros seus, e que deu certo, porque tem experiência pessoal com os povos originários. Conheceu sete tribos indígenas e em uma delas permaneceu um mês. Fala que os adultos também gostam dos livros.

Prof. Ângelo Sabe *O tesouro do quilombo não é todo criação, porque o início da narrativa está inspirado em minha infância. Meu pai tinha um sítio perto de Vespasiano e por volta dos 8 ou 9 anos passava um mês inteiro lá, de roupa esfarrapada e descalço. Ficava lá com os filhos do pessoal da fazenda que se tornaram seus amigos. Jogava bola. Assim como Eduardo salva o Zé Pretinho na narrativa, eu mesmo salvei um menino da fazenda de meu pai. Um menino afundou na represa e eu o empurrei para cima, igual ao que está contado em O tesouro do quilombo. A parte da empreitada da bosta era verdade. Meu pai me dava uns trocados, porque eu e meu irmão juntamos as bostas do gado para colocar na esterqueira. O começo do livro O tesouro do quilombo é muito de memória, mostra a verdade da relação entre as pessoas da fazenda e os demais.*

Prof. Ângelo comenta que alguns pais acharam ruim utilizar a palavra bosta e ele se recusou a mudar pois é assim mesmo, *o besouro rola-bosta chama assim mesmo!* Comenta que existe muito preconceito linguístico. Relata *que o mais importante que já fez na vida foi a coleção de livros infantis Que bicho será? As crianças adoram porque são livros de mistério: aparece uma cobra barriguda e ficam se perguntando que bicho a cobra comeu, que bicho que botou o ovo, que bicho que fez a coisa (coco).* Conta sobre o livro *Será mesmo que é bicho?* que é a narrativa de um menino que os bichos ficam analisando se é bicho de verdade ou se é gente. Fala novamente do preconceito dos pais, ao comentar que o único livro que está na oitava edição é o livro do coco!

Prof. Ângelo fala que é mais útil fazer livros para crianças de até 5 anos do que livros para pré-adolescentes. Explica que no *O tesouro do quilombo*, o menino gosta muito mais de ler sozinho, mas os livros da coleção *Que bicho será?* quem lê é o pai, a mãe, a avó. *Então faz com que a criança fique gostando do pai, da mãe e da avó.* Fala que testou isso com o livro *A viagem de Tamar* e teve



a confirmação quando um filho de um amigo falou “Pai você gosta muito de mim!” quando o pai acabou de contar a história. *Penso que as pessoas, às vezes, não sabem contar histórias e o livro ajuda a contar, reforçando a amizade entre pais e filhos. Melhor se o livro for bem ilustrado, os pais têm figuras para mostrar ao mesmo tempo que leem o livro.*

*Acho que um menino de 5 anos se gostar do livro vai pedir para contar de novo, já com os adolescentes é um pouco mais difícil e, adulto “é tudo mentiroso”! Às vezes nem leu e diz que o livro é bom. A criança é direta! Um dia uma criança virou e me disse: “olha eu gostei do seu livro, mas as figuras são uma porcaria!”* Prof. Ângelo comenta que um adulto nunca falaria isso, e destaca que gosta muito de escrever para crianças e conversar com elas. Já possui 35 livros e que maioria deu certo com exceção do A barba do velho da barba.

Conta a história de seu filho com a rã! Essa história não teve final feliz ...o menino matou a rã porque a lavou com muito sabão...todo mundo dizia que a rã era um bicho sujo...nunca escrevi essa história. Só escrevo histórias de final feliz! Assim, escrevi outra sobre um girino que virou rã.

Prof. Ângelo indica uma monografia de bacharelado que versa sobre a fauna na sua literatura. Destaca que o trabalho será interessante por analisar todas as formas de conhecimentos, principalmente o mapa do tesouro.

Gil fala da importância da abordagem da natureza cíclica e que gosta da passagem da morte do indígena. Prof. Ângelo argumenta que o céu indígena é muito bonito, porque é cerrado com tudo em abundância. *O indígena conhecia todos os movimentos da natureza e consegue retratá-los no mapa, em sua formulação de saberes tradicionais.*

Gil agradece e expressa sua pretensão de conversar mais vezes com o prof. Ângelo que se mostra muito receptivo!

## REFERÊNCIAS

- GATTI, Bernadete. A construção metodológica da pesquisa em educação: desafios. Revista Brasileira de Pesquisa em Educação. V.28(1), p.13-34. 2012. Disponível em <https://seer.ufrgs.br/index.php/rbpae/article/view/36066/23315>. Acessado em 20 de dez. 2023.
- HIGASHI, Arlete Machado Fernandes. Ciência e literatura em textos infantis de Ângelo Machado. Dissertação de Mestrado. IFCL. USP. 2010.disponível em <https://www.teses.usp.br/teses/disponiveis/8/8142/tde-31012011-104437/en.php> . Acessado em 20 de dez. 2023.



LOPES, Gilmaria Célia Lana Rodarte e NASCIMENTO, Silvania Sousa Do. Educação científica, veredas a novela Buriti (Noites do Sertão, Guimarães Rosa). Atas do <http://fep.if.usp.br/~profis/arquivos/vienpec/CR2/p211.pdf> . Acessado em 20 de dez. 2023.

LOPES, Gilmaria Célia Lana Rodarte. Práticas de leitura e educação científica: um olhar sobre os “Contadores de Estórias Miguilim”. Dissertação de mestrado defendida na Faculdade de Educação. UFMG. 2008. 280p. disponível em [https://repositorio.ufmg.br/bitstream/1843/FAEC-85KHGV/1/disserta\\_o\\_final\\_gilmara.pdf](https://repositorio.ufmg.br/bitstream/1843/FAEC-85KHGV/1/disserta_o_final_gilmara.pdf). Acessado em 20 de dez. 2023.

MEYER, Mônica Ângela de Azevedo. SER-TÃO NATUREZA, a natureza de Guimarães Rosa. Tese de Doutorado. Instituto de Filosofia e Ciências Humanas -UNICAMP, Campinas, 1998.

PEREIRA, Gabriel Schnuk. Entre educação e ciência: discurso e atuação ambientalista de Angelo Machado (1974-2008). Temporalidades – Revista de História, ISSN 1984-6150, Edição 26, V. 10, N. 1 p. 83-109. (jan./abril. 2018). Disponível em <https://www.ufmg.br/estacaoecologica/wp-content/uploads/2020/11/2018-PEREIRA-Gabriel-Schunk-historia-da-Eeco-ambientalista-Angelo-Machado-1.pdf>. Acessado em 20 de dez. 2023.

VIEIRA, Rodrigo Drumond. Situações Argumentativas na Abordagem da Natureza da Ciência na Formação Inicial de Professores de Física. Dissertação de mestrado defendida na Faculdade de Educação. UFMG. 2007. 173p. disponível em [https://repositorio.ufmg.br/bitstream/1843/FAEC-85JH8P/1/disserta\\_o\\_rodrigo.pdf](https://repositorio.ufmg.br/bitstream/1843/FAEC-85JH8P/1/disserta_o_rodrigo.pdf). Acessado em 20 de dez. 2023.

### Outras entrevistas

GORGULHO, Silvestre. **Ângelo Machado, um ecologista de base científica sólida**. Brasília, 06 de maio 2021. [online] Disponível em <http://www.gorgulho.com/gente%20meio/angelo.htm>. Acessado em 20 de dez. 2023.

MARCOLIN, Neidson. Entre livros e libélulas. Revista Pesquisa Fapesp. Ed. 132. Fev. 2007. Disponível em <https://revistapesquisa.fapesp.br/entre-livros-e-libelulas/>. Acessado em 20 de dez. 2023.

### Obras de Ângelo MACHADO citadas:

O Menino e o rio. Editora Lê. Belo Horizonte. 1a. Edição. 1989.  
A barba do velho de barba. Lê Editora. 1a Edição. Belo Horizonte, 1993.  
O casamento da ararinha azul. Editora Lê. Belo Horizonte. 1a. Edição. 1996.  
A viagem de Tamar: a tartaruga verde do mar. Lê Editora. 1a Edição. Belo Horizonte, 1996.  
Que bicho será que fez o buraco. Editora Nova Fronteira. 1a Edição. Rio de Janeiro, 2000.  
Será mesmo que é bicho?. Editora Nova Fronteira. 1a Edição. Rio de Janeiro, 2000.  
O Tesouro do Quilombo. Editora Nova Fronteira. 2a Edição. Rio de Janeiro, 2001.  
O Tesouro do Rei. Fundação Biodiversitas. 1a Edição. Belo Horizonte, 2006.  
Chapeuzinho vermelho e o lobo-guará. Melhoramento. Rio de Janeiro. 1a. Edição 2010.  
Os fugitivos da esquadra de Cabral. Editora Nova Fronteira. 1a Edição. Rio de Janeiro, 2012.  
O rei careca. Editora Nova Fronteira. 1a Edição. Rio de Janeiro, 2016.  
O ovo azul. Editora Nova Fronteira. 2a Edição. Rio de Janeiro, 2017.  
Que bicho será que a cobra comeu?. Editora Nova Fronteira. 1a Edição. Rio de Janeiro, 2023.